

Ensino em Ciências na pré-escola: um projeto sobre o corpo e a diversidade étnico-racial.

Priscila Ayres Wonghon¹
Peterson Fernando Kepps da Silva²
Lavínia Schwantes³

Resumo: O presente trabalho relata a experiência de um Projeto Pedagógico desenvolvido em uma escola de Educação Infantil da rede privada, na cidade de Rio Grande – RS, utilizado na Pré-escola com o objetivo de discutir o ensino de Ciências, diversidade étnico-racial, entre outros temas, com crianças pequenas. Ao longo do trabalho, será possível perceber as dificuldades, o significado e a importância de trabalhar as questões em torno da diversidade étnico-racial e cultural desde as primeiras idades, rompendo com o ensino eurocêntrico que foi se construindo historicamente na nossa sociedade.

Palavras chave: Ciências, Pré-escola, diversidade étnico-racial.

-
- 1 Mestranda do Curso de Mestrado em Educação em Ciências da Universidade Federal do Rio Grande- FURG, priscilaayresfur@gmail.com;
 - 2 Doutorando do Curso de Doutorado em Educação em Ciências da Universidade Federal do Rio Grande- FURG, keppspeterson@gmail.com;
 - 3 Doutora em Educação em Ciências pela Universidade Federal do Rio Grande- FURG, laviniasch@gmail.com ;

Contextualização em torno do ensino em Ciências e diversidade étnico-racial na Pré-escola

É importante pensarmos o que podemos fazer enquanto docentes no que tange às novas possibilidades no ensino de Ciências para crianças que estão vivenciando a etapa da Pré-escola. Neste sentido, podemos trazer a ciência para dentro dos espaços educativos como algo para além de conteúdos a serem “vencidos”, podemos e devemos como docentes estimular as crianças ao questionamento, às dúvidas e instigar suas curiosidades. Em outras palavras, “queremos mostrar para eles/as que perguntas são sempre bem-vindas, geram conhecimento, e que os conceitos da ciência não são prontos e acabados, pois podem sempre se modificar.” (SCHWANTES, 2014, p. 47).

Ao direcionar o olhar para as legislações educacionais, o que nos dizem as leis que permeiam o campo da educação é que foi a partir do Referencial Nacional para Educação Infantil (RCNEI, 1998) que o ensino de Ciência na Educação Infantil no Brasil ganhou mais visibilidade, sendo cabível de ser pensado para crianças tão pequenas. Usando a curiosidade das crianças e a potencializando, os conteúdos de Ciências estão amparados por meio do eixo “Natureza e Sociedade”, apresentado no terceiro volume do RCNEI. Já a diversidade étnico racial vem como obrigatoriedade no ensino em nosso país em 2003, com a Lei 10.639/03 (BRASIL, 2003), que prevê a obrigatoriedade do ensino da história e cultura afro-brasileiras e africanas nas escolas públicas e privadas do Ensino Fundamental e Médio. No entanto, acreditamos que, para além do Ensino Fundamental e Médio, estas questões devem ser abordadas desde a Educação Infantil e Pré-escola, pois

[a]prendemos, desde criança, a olhar, identificar e reconhecer a diversidade cultural e humana. Contudo, como estamos imersos em relações de poder e de dominação política e cultural, nem sempre percebemos que aprendemos a classificar não somente como uma forma de organizar a vida social, mas também como uma maneira de ver as diferenças e as semelhanças de forma hierarquizada e dicotômica: perfeições e imperfeições, beleza e feiura, inferiores e superiores. Esse olhar e essa forma de racionalidade precisam ser superados. (GOMES, 2011, p. 1).

Diante disso, temos como objetivo principal neste trabalho dialogar sobre o ensino em Ciências na Pré-escola e as questões étnico raciais, pensando como podem ser desenvolvidas através de projetos.

Detalhamento do projeto e atividades

A partir da atuação de uma das autoras deste trabalho como professora titular em uma turma de Pré- escola, foi construído, ao longo do ano de 2018, o “Projeto do corpo Humano”. Este projeto também foi estendido para a turma de recreação de Maternal de uma escola da rede particular de ensino do município de Rio Grande – RS.

O projeto foi desenvolvido por percebermos que as crianças tinham muitas curiosidades relacionadas ao corpo humano. Para tanto, o projeto teve como inspiração o livro “O corpo de Bóris” (MACMILLAN, 2013), que nos possibilitou dialogar sobre diversas questões, como:

- As partes do nosso corpo (ênfatizando alguns órgãos: cérebro, pulmões, coração, intestino e ossos);
- As diversas tonalidades/cores de pele (com um conjunto de lápis de cor “tons de pele” pintando os rostos de cada um em folha ofício, e a escolha da etnia do boneco da turma);
- Os sentidos (tato, visão, olfato, paladar, e audição);
- Idade e altura de cada uma das crianças.

Ao final do segundo semestre de 2018, quando acabou o projeto, foi entregue às famílias de cada criança um portfólio, que continha jogos para montar com a família, os trabalhos desenvolvidos ao longo do semestre, e outras atividades realizadas pelas crianças. A partir de agora, iremos detalhar algumas das atividades realizadas. Salientamos que não discorreremos sobre todas, tendo em vista o espaço que temos para escrita neste trabalho.

Cada item elencado para ser desenvolvido com as crianças foi trabalhado por uma semana. Por isso, os tipos de atividades se repetiam ao longo dos dias da semana, mudando apenas os temas abordados.

A escola na qual desenvolvemos o projeto tinha rotinas específicas, como dia da culinária, dia da leitura, etc. Dessa forma, adaptávamos esses momentos para algo que tivesse relação com o projeto. No dia da culinária, por exemplo, utilizamos as curiosidades trazidas no livro supracitado e fizemos gelatina, para que eles tocassem, sentissem e degustassem, percebendo sua textura e comparando-a, posteriormente, à textura de nosso cérebro.

Às **segundas-feiras**, líamos para as crianças, em uma roda, a parte do livro “O corpo de Bóris” que correspondia ao tema que iríamos desenvolver naquela semana. Durante a leitura, instigávamos, através da observação das ilustrações do livro, que elas criassem hipóteses para o que aconteceria a seguir. Após a leitura do livro, conversávamos com as crianças sobre o que elas haviam entendido.

Na **terça-feira**, construímos um cartaz, feito com papel pardo, que tinha o contorno do corpo de uma das crianças da turma. No início do projeto, o cartaz continha apenas o contorno de um corpo e, ao longo das semanas, o conhecimento construído ia se agregando ao corpo, resultando em um boneco. A primeira coisa que nosso boneco (batizado pela turma de Bóris) ganhou foi o cérebro, mais tarde a cor da pele, olhos, cabelos, e assim consecutivamente.

Nas **quartas-feiras**, fazíamos o registro com as crianças em folha A4, para ser anexado ao portfólio final da turma. O registro era feito da mesma forma que o cartaz, porém era individual ao invés de coletivo. **Quinta-feira** era dia de problematizar aquilo que havíamos discutido. Fazíamos isso através de jogos ilustrativos impressos na escola e coloridos pelas crianças, como quebra-cabeças, jogos da memória e de montagem do corpo. Nas **sextas-feiras**, realizávamos culinárias e experiências envolvendo o projeto.

O desenvolvimento do projeto durou em torno de seis meses. A organização diária das crianças em torno das atividades relacionadas ao projeto demandava tempo da nossa rotina, pois, até organizá-los, para que pudessem ouvir atentamente as histórias e para que estivessem dispostos às investigações e experimentações, demorávamos em torno de 30 minutos.

Utilizávamos o tom de voz baixo como estímulo para se atentarem ao que dizíamos. Sentávamos com eles em círculo, os aproximando das professoras. No decorrer do projeto, o processo de organização para o início das atividades já acontecia de maneira mais autônoma, as crianças já sabiam o que iria ocorrer, então pegavam suas almofadas e iam sentando, chamando os amigos e avisando aos mais entusiastas “xiu a tia vai falar sobre nosso corpinho! Olha ela pegando o livro lá”. Sempre há dispersões quando se fala sobre a Pré-escola, mas, assim como há a dispersão, há também o retorno do interesse. Tudo acontece muito rápido, assim como as crianças perdem o interesse, logo deixam-se capturar novamente. Como estratégia, buscávamos não nos alongarmos em nenhuma atividade, escolhíamos desenhos curtos e bem explicativos, o mesmo em relação às leituras, experimentos e atividades propostas.

Na seção a seguir, adentraremos mais a fundo na questão étnico-racial e como ela foi abordada com os pequenos neste projeto.

Educação em Ciências na Pré-escola: um trabalho com as diversidades

Antes de começarmos a detalhar o trabalho, destacamos que usamos nomes fictícios para os alunos, com o intuito de preservar suas identidades.

Escolhemos nomes em lorubá que é a origem do nome da boneca Abayomi, também utilizada em nossas atividades.

A segunda semana do nosso projeto foi dedicada a falar sobre a diversidade étnico-racial. Ao questionar as crianças sobre seu tom de pele, junto ao conjunto de lápis de cor contendo vários tons, percebemos que elas ficaram admiradas em ver a variedade. Algumas iam até os lápis de cor da sala e buscavam aquele lápis de tom salmão (usado durante muito tempo para colorir desenhos como se aquela cor fosse a cor e tom da pele de todos) e relutantes diziam: “é esse, tia, é esse!”. Outros iam colocando o lápis ao lado do seu braço e comparando vários tons até achar um com o qual se identificassem.

Algumas crianças brancas gostavam de dizer que tinham o tom de pele mais escuro, e outras negras gostavam de dizer que tinham o tom de pele mais claro, colocavam o lápis ao lado do braço e seus próprios colegas iam dizendo: “Esse não!” e apontando o mais claro ou o mais escuro. Queremos sublinhar que, em nenhum momento, interferimos no processo de identificação das crianças com os tons de pele. A intenção do trabalho não é dizer “você é branco” ou “você é negro”, e sim auxiliar, de maneira positiva, a visão deles em relação à diversidade. Segundo Dias (2012), umas das principais chaves para professores que desejam trabalhar as questões étnico-raciais com crianças é considerá-los sujeitos ativos e reflexivos, pois:

não podemos obrigá-las a assumir uma identidade, seja ela qual for, ainda que acreditemos ser mais saudável que uma criança negra (aos nossos olhos) se aceite, tenha orgulho de si e dos seus antepassados; a identidade, inclusive a étnico-racial, é socialmente construída. Não cabe à professora definir para a criança sua identidade, seja em qual for o âmbito. O que lhe cabe é fornecer elementos positivos nos quais as crianças negras e não negras possam se apoiar na constituição de sua identidade. (DIAS, 2012, p. 667)

A manhã daquele dia foi proveitosa e significativa. Depois de dialogar com as crianças, findamos a aula pintando cada um o seu rosto com o tom de pele escolhido, e o montando com olhos, ouvidos, boca e nariz de recortes, formando uma arte cubista. Trabalhamos assim, também, princípios da arte e já adentramos brevemente no conteúdo referente aos órgãos dos sentidos. Ao final, também conversamos sobre qual tom de pele escolheríamos para nosso cartaz em forma de boneco. Nesse momento, muitos disseram, pegando o lápis de tom mais escuro, “esse que é da Dayo e da tia Yeji”. Dayo,

ao ser questionada se poderia ser aquela a cor para o tom de pele do nosso boneco, concordou: “sim, acho que o meu lápis vai ficar bom”. Por fim, nosso boneco era negro, de cabelo ruivo e com olhos castanhos. A cor dos olhos teve uma consideração interessante do colega Kayode: “acho que tinha que ser marronzinho tia, olha é igual ao meu, e o dele, e dela, e igual ao da Abala, só o da Ayodele é diferente”. Ayodele ficou um pouco desanimada com a ideia, mas concordou.

Ações assim, dentro da Pré-escola e da Educação Infantil, podem parecer pequenas, mas são nas ações cotidianas que podemos desmistificar ideias como a existência de apenas um tom de pele. Deste modo, acreditamos que o respeito à diversidade, o reconhecimento do seu próprio corpo, e a inserção de atividades que corroborem com a desconstrução de uma cor única e padronizada para a pele humana, irão auxiliar as crianças em seu entendimento de mundo.

Ainda, no que tange à diversidade étnico- racial, uma das datas comemorativas que estava prevista no calendário escolar da instituição era o Dia da Consciência Negra. Visando cumprir com o calendário escolar e buscando quebrar a maneira como esta data é trabalhada nas escolas infantis em geral, trabalhamos com a boneca Abayomi. A boneca é feita sem costura e sem cola, apenas com nós em pedaços de tecido. Foi criada como instrumento de conscientização e sociabilização pela militante de Mulheres Negras e educadora popular Lena Martins.

Sentados em um círculo no pátio da escola, contamos para as crianças a história da boneca Abayomi de maneira lúdica e teatral para fácil entendimento. Contamos da seguinte maneira:

Um povo que vivia em um lugar distante daqui, um lugar chamado África, foi trazido para cá. Vocês sabem onde moramos? No Brasil. Esse povo, para cá trazido, foi escravizado. Vocês sabem o que é isso? Eles eram obrigados a trabalhar, sem receber nada em troca, eram machucados e viviam tristes separados longe de suas famílias e amigos. Este povo veio para cá em navios. Nesses navios vinham crianças, mulheres e homens e as crianças não tinham brinquedo algum para acalantar seus corações ao longo da viagem. Tristes ao ver as crianças desesperançosas, as mulheres no navio rasgavam pedaços de suas saias e vestes, e destes pedaços de tecidos iam dando nós e formando lindas bonequinhas, as quais deram o nome em lorubá de Abayomi, que significa “encontro precioso”. Assim, acalmavam a dor das crianças separadas de suas famílias e para cá trazidas. (A relato, 2018)

A partir das atividades já realizadas e da história, produzimos um cartaz para ser exposto na frente da escola, no qual cada mãozinha pintada de preto representava uma parte do cabelo *black* da boneca no cartaz ilustrada. O cartaz continha o significado do nome da boneca Abayomi. Naquele dia, cada um produziu sua Abayomi e a levou para casa. Como registro dessa atividade, cada criança pintou uma folha A4 com tinta azul (representando os oceanos), e colou na folha, depois de seca, um barquinho de papel (representando os navios negreiros).

Figura 1: Cartaz Abayomi, 2018.



Figura 2: Bonecas Abayomi's produzidas pela turma, 2018.



Considerações finais

Esse trabalho foi muito significativo. Nosso boneco da turma era negro e sua cor de pele foi escolhida pelas crianças, o que demonstra que eles ainda não têm definido certo padrão de cor de pele, o que os permite transitar entre as cores, apreciando a multiplicidade e, mesmo que não intencionalmente, fugindo de um modelo branco de pele fortemente estabelecido. O fato de ter uma colega e uma professora (Prof Yeji) negras, pelas quais eles nutriam um grande sentimento de amizade e admiração, nos auxiliou bastante nesse processo de diálogo, pois em nenhum momento nossas discussões foram tratadas pelas crianças com estranheza. Este trabalho nos

surpreendeu bastante, pois pudemos perceber nas crianças o quanto nosso trabalho é marcante e significativo, podendo sim fazer a diferença em nossa sociedade. Ao discutirmos questões como a diversidade desde a infância, desde cedo formam-se sujeitos mais cientes de seus corpos e dos espaços que podem ocupar na sociedade, independente de sua cor de pele.

Dias (2012) destaca a coragem do docente ao tentar romper com a lógica eurocêntrica de ensino, trazendo as discussões étnico-raciais à tona no âmbito escolar e, também, nos espaços da educação infantil.

Sem dúvida, trazer para a educação infantil os temas relativos à diversidade implica tomar uma atitude ousada e ética em relação à raça/cor e etnia. Incluir conhecimentos afro-brasileiros e indígenas e considerá-los tão importantes quanto os conhecimentos de origem europeia, que já são largamente trabalhados, é romper com uma tradição eurocêntrica de currículo, atitude nem sempre apoiada pelo conjunto de profissionais das instituições escolares. (DIAS, 2012, p. 665).

Por fim, destacamos, ainda, a importância de uma instituição aberta, laica e que compactue com a vontade do docente de fazer diferente. Segundo Dias (2012, p. 666), "para atuar sobre esse tema, não bastam as leis, por isso os trabalhos iniciais exigem muita energia das professoras, que precisam pensar experiências de aprendizagem, metodologias, e ainda convencer colegas ou justificar sua ação aos gestores". Nesse sentido, o projeto aqui descrito só foi viável pela parceria que se fez entre a instituição, as docentes envolvidas e também as famílias das crianças. Somos gratas a parceria estabelecida pois somente assim podemos obter um resultado tão gratificante.

Agradecimentos e Apoios

À Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES).

Referências

BRASIL. Ministério da Educação e do Desporto. **Referencial curricular nacional para a educação infantil**. Secretaria de Educação Fundamental. Brasília: 1998. v.1 e 3.

DIAS, Lucimar Rosa. Formação de professores, educação infantil e diversidade étnico-racial: saberes e fazeres nesse processo. **Revista Brasileira de Educação**, 01 Dezembro 2012, v.17(51), p. 661-674

GOMES, Nilma Lino. **Educação, relações étnico-raciais e a Lei 10.639/03**. Site: Geledés. Disponível em: <https://www.geledes.org.br/educacao-relacoes-etnico-raciais-e-a-lei-1063903/?gclid=Cj0KCQiAkKnyBR-DwARIsALtXe7h797JMPeUgvlNZ8zPuvG24UiRX_cdZFRQypWuv_5fN_NGkC_86IVsaAoUvEALw_wcB>. Acesso em: 29 Jan. 2020.

GOMES, Nilma Lino. **Alguns termos e conceitos presentes no debate sobre relações raciais no Brasil: uma breve discussão. Educação antirracista: caminhos abertos pela Lei Federal nº 10.639/03**. Brasília: MEC/SECAD, 2005. p. 39-62.

MACMILLAN, Spike. **O corpo de Bóris**. São Paulo: Ciranda Cultural, 2013.

SCHWANTES, Lavínia. Ciência: Tanto se fala, pouco se define. In: **Ensino de Ciências: Outros olhares, outras possibilidades**. Rio Grande: FURG, 2014. p 43-49.

VIEIRA, Kauê. **Bonecas abayomi**: símbolo de resistência, tradição e poder feminino. Site: AFREKA. Disponível em: <<http://www.afreka.com.br/notas/bonecas-abayomi-simbolo-de-resistencia-tradicao-e-poder-feminino/>>. Acesso em: 29. Jan. 2020.